

VIVÊNCIAS



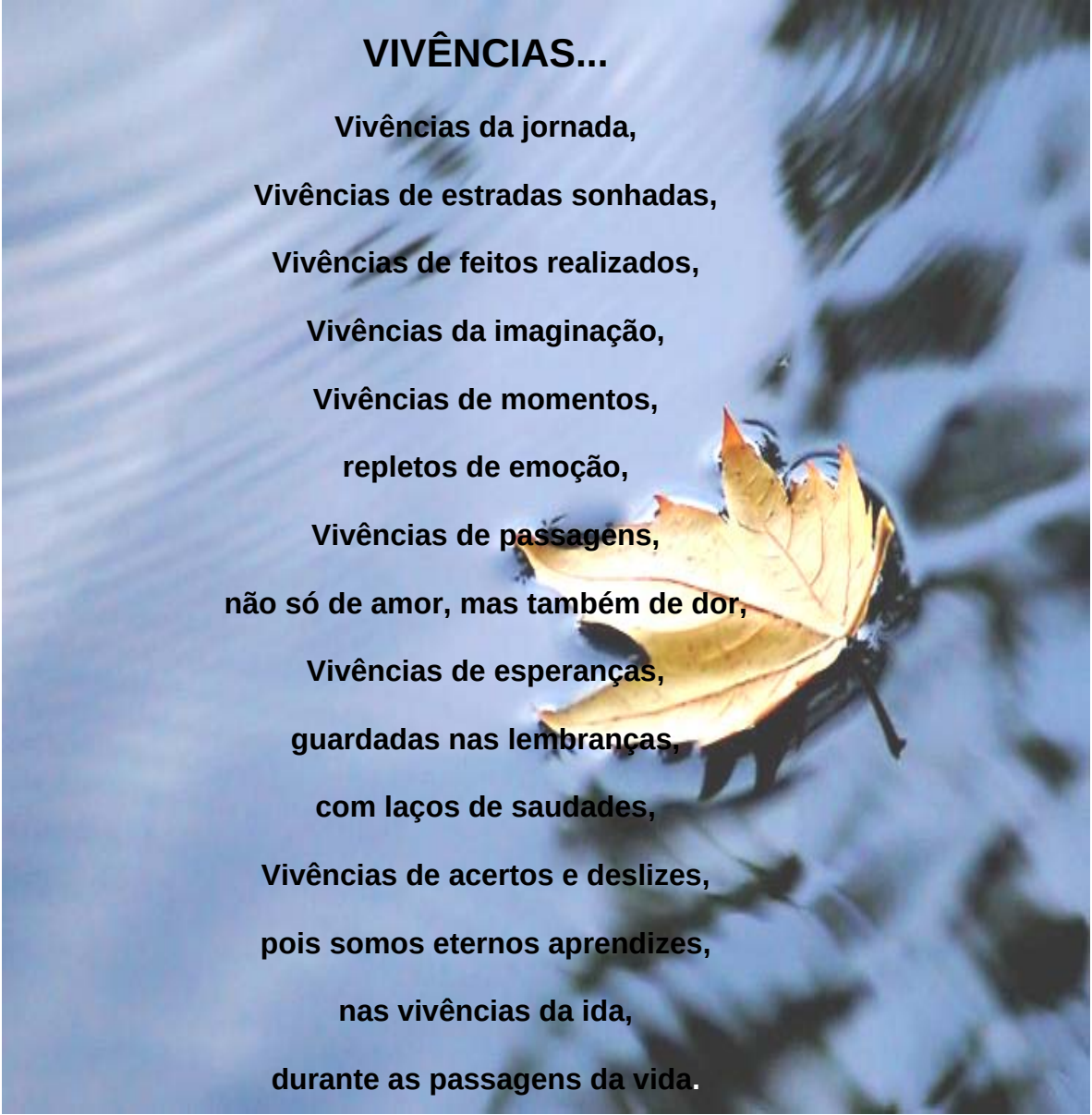
Maria Beatriz



*"Bendito é quem nesta vida,
sempre a espalhar claridade,
no instante da despedida,
semeia, ainda, a saudade."
Maria Helena C. M. Duarte*

Julho 2012 -

VIVÊNCIAS...

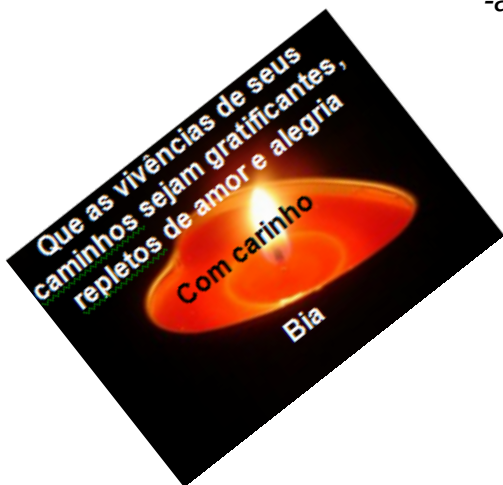
A yellow maple leaf is shown floating on a body of water. The water is a deep blue color with visible ripples and reflections. The leaf is positioned towards the right side of the frame, with its stem pointing downwards. The background is slightly blurred, showing more of the water and some dark, indistinct shapes that could be other leaves or rocks.

**Vivências da jornada,
Vivências de estradas sonhadas,
Vivências de feitos realizados,
Vivências da imaginação,
Vivências de momentos,
repletos de emoção,
Vivências de passagens,
não só de amor, mas também de dor,
Vivências de esperanças,
guardadas nas lembranças,
com laços de saudades,
Vivências de acertos e deslizes,
pois somos eternos aprendizes,
nas vivências da ida,
durante as passagens da vida.**



*A todos que compartilharam comigo
nas vivências de minha caminhada:
pais e marido inesquecíveis,
guardados nas lembranças e nas saudades;
-filhos, genro, nora, netos do meu coração;
-irmãos e familiares, sempre, muito queridos;
-amigos e amigas, que me estenderam as mãos
em todos os momentos;
-a turminha da oficina, que tanto me incentivou
com sua amizade.*

Minha gratidão e amor a todos vocês



SOBRE ESTE PEQUENO LIVRO

“Vivências” é o fruto de encontros
da Oficina de Criatividade,
onde há sempre uma novidade.
Com três amigas, unidas pela amizade,
leituras de autores famosos são feitas e interpretadas,
que ajudam a penetrar no mundo maravilhoso
das palavras na ficção, em que flui a imaginação.
Propostas são dadas, nos textos inspiradas,
para elaborar, quem sabe, alguma história surpreendente,
ou algum poema emocionante.
Neste espaço prazeroso, as preocupações,
os eternos afazeres do dia a dia,
Tudo fica de lado, tudo fica esquecido.
aos poucos, vamos escrevendo,
aos poucos, vamos produzindo,
sem grande pretensão.
Mas, sem dúvida, conseguimos
com risos, conversas, alegria e quitutes
momentos gratificantes, pra lá de gostosos.
Neste semestre, os contos lidos
de Lygia Fagundes Telles, Júlio Cortázar,
Drummond, Cecília Meirelles e João Anzanello Carrascoza
Abriram nossos horizontes, buscando novas fontes.
Daí, este livro brotou
Ee, aos onze outros, juntou.
Apenas para lembrar,
os nomes vou citar:
“Pedaços do coração”
“Menina de olhos da noite”
“Encantamento”
“Entardecer”
“Folhas de outono”
“Recantos encantados”
“Gotas de orvalho”
“Passagens”
“Estradas da vida”
“Paisagens sonhadas”
“Janelas da imaginação”

ÍNDICE

POEMAS	7
PERTENCES	8
O BAILADO DO FINAL DO DIA.....	9
ONDE?.....	10
SEM LÁGRIMAS, SÓ SONHOS	12
VELHICE, SOLIDÃO... ..	13
ESTRELAS E SONHOS.....	14
RESOLUÇÕES CERTAS.....	16
DECISÕES INFELIZES.....	19
 PROSA.....	 22
LEMBRANÇAS.....	23
O PRESENTE	24
LAÇOS DE FAMÍLIA	25
RECORDAÇÕES	26
NOS CAMINHOS DA VIDA, AS CORES DO ARCO-ÍRIS	28
DOMINGO DA ALEGRIA	29
O CARRILHÃO	30
LIÇÕES DE VIDA	32
UMA ADOÇÃO DE AMOR.....	34
A MAGIA DE UM ENCONTRO.....	36
ESPERANÇA.....	38



PERTENCES

Dia chuvoso, cansaço...
Cansaço da rotina, cansaço dos dias corridos
Sempre preenchendo os vazios com ocupações
Sem lembrar, sem pensar.
Fecho os olhos por alguns instantes
Visualizo lugares queridos
Apartamento de mamãe:
Seu sofá de veludo, seus móveis antigos,
Quadros de pintores famosos,
A pequena cristaleira com xícaras de outrora
Sua cama, a escrivaninha tão linda,
A penteadeira com um vidro a protegê-la
E, por baixo dele, fotos de todos nós.
Tudo, tão de repente, sumiu dali
Coisas e objetos estão espalhados.
Os filhos ficaram com o que cada um mais apreciava
Talvez, para guardarem um pedaço daquele recanto
Jamais esquecido por nós
Apenas vivido por nós.

*Pertence de alguém amada,
Lembrança jamais apagada.
Mesmo depois da partida
A lágrima cai tão sentida...*

O BAILADO DO FINAL DO DIA...

Olhava pela janela de meu apartamento,
Perdida em pensamentos e lembranças.
Mais um dia, mais um por de sol.
Tentei sair das tristezas,
Tentei apreciar o bailado das luzes:
Ora dos anúncios, ora dos escritórios,
Que encerravam mais um expediente.
Imaginava os elevadores descendo,
Abarrotados de executivos, funcionários,
Todos cansados da labuta diária.
Nas portas dos prédios, por vezes,
Casaizinhos abraçados tentavam atravessar as ruas.

Em algum momento do passado, assim aconteceu:
Abraçados, caminhávamos, esquecidos do cansaço,
Só existia ali, nós dois,
No bailado das luzes, no bailado do amor.
Mas eis que chega o ônibus,
Cada um segue seu rumo,
Apenas o sonho, a ilusão nos acompanha
Até um novo dia, até um novo encontro...

*Vida, só ilusão,
Momentos que se vão.
Um adeus embala a mão
E o chorar de um coração...*

ONDE?

Mariquinha das chinelas,
Mariquinha das trancinhas,
Mariquinha das fitas vermelhas...
Com seu nariz arrebitado,
Moreninha e miúda,
Pulava, dançava e cantava.
Corria de um lado pra outro,
Brincava e conversava com brinquedos,
Não tinha sossego, não dava sossego a ninguém.
“Fique quieta, menina, parece uma cabrita!
Grita, grita sem parar
E vive a atazanar e a bagunçar
A todos e a tudo.
Pegue um livro, bem colorido,
Para as gravuras apreciar.”

Mariquinha, onde perdeu o pé?
De repente, ficou quieta,
Seu olhar sempre tristonho
Era brilhante de lágrimas.
Pouco sorria, não mais cantava
Nem dançava, nem falava...

Cresceu e seus encantos sumiram,
Seus sonhos evaporaram,
Nunca se realizaram.
Mesmo o amor chegou repleto de dor,
Mesmo os filhos não seguiram os caminhos traçados.
Até aqueles, que tanto estimava, se foram.
Só restaram as saudades e as lembranças:
Das manhãs maravilhosas, cobrindo o matagal,
Dos gritos de galos e berros de bezerros,

Ecoando pelas terras vermelhas e pelos verdes cafezais,
De uma voz suave e doce, embalando uma criança,
Dos risos, da alegria de reuniões familiares,
Das músicas românticas, envolvendo um casal apaixonado...

*Onde se perdeu?
Onde está seu sonho?
Apenas um olhar tristonho,
Sem ter o que pediu...*

SEM LÁGRIMAS, SÓ SONHOS

Longe está meu coração
Longe, muito longe
Mas aqui mesmo ainda bate
Trazendo só recordação

Ah! se tudo fosse diferente
Não haveria dor, apenas amor

Ah! se tudo fosse diferente
Não haveria ida, apenas vinda

Ah! se tudo fosse diferente
Mesmo sem asas poderia voar
E, pelos caminhos, encontrar
Alguém para sempre amar

E meus sonhos realizar
Sem lágrimas a derramar

VELHICE, SOLIDÃO...

Cantos tristes da saudade,
Lágrimas brilhantes espelham lembranças,
Momentos fugazes do já ido.
Ao redor, apalpo espaços vazios,
Onde estão todos?
Sinto mãos carinhosas,
Ouço palavras, sorrisos, murmúrios,
Perdidos na névoa da estrada.
Corpo gasto, encurvado, alquebrado,
FACES sem o viço da alegria,
Pele enrugada e, nas dobras,
Guarda tristezas, decepções, a realidade cinza.
Desço os degraus da vida,
Busco a presença de todos e de tudo...
Apenas o silêncio me envolve,
Por vezes, envolto na compaixão.
Humildade na aceitação
Dos que me amaram
E partiram,
Do passado, tempo percorrido,
Terminado, no carrossel dos sonhos,
Jamais concretizados,
Triste espera da solidão final...

ESTRELAS E SONHOS

A noite chegou,
Com seu manto escuro estrelado,
E a Terra cobriu.
O menino e o gato caminhavam...
O medo, a tristeza para onde foram?
Ficaram guardados no esquecido.
Os estalos de gravetos,
Os piados de corujas,
Nada os assustava.
Olhavam para o céu
E felizes diziam:
Lá está a Lua!
Sempre, São Jorge, com seu dragão,
Os inimigos espantava.
Lá estão as flores do céu!
Prateadas, cintilantes.
É um tal de piscar pra lá e pra cá,
Desejosas de iluminar
O xale negro de Mãe Lua.
De longe, bem longe,
Dois pontinhos andavam:
Um, com o rabo a agitar,
Outro, com seu colorido boné
E com o dedinho apontando
Para os enfeites no ar.
Cansado de tanto olhar,
Ao pé de uma árvore sentou.
O bichano, o rabo encolheu,
E, no seu colo, acomodou.
Queria ao amiguinho aquecer,
Como também proteger.

Assim, a amizade nasceu
E a alegria floresceu....

*Cante, cante, coração,
Entoe, na sua canção,
A completa felicidade
Com uma sincera amizade.*

RESOLUÇÕES CERTAS

Fim de ano... Momento de renovar
e algumas resoluções tomar.
As férias vão chegar,
por isso vou viajar,
novos países conhecer
e muito para me entreter.
Não é que acertei!
No navio, relaxei,
o Norte fui conhecer,
nas praias, bronzeei,
pelas paisagens me encantei.
Até um amor arranjei
e mais bela fiquei.

Como é bom saber perdoar,
não ter mágoas a guardar
e até adoecer, por uma ofensa receber.
Ao outro, de lado olhar,
nem dele se aproximar.
Ao seu lado calar,
para não ter de ofender.
E mesmo esconder
o que vai no coração
de alguém, que foi irmão,
e dele só recebeu ingratidão.
A vida depressa passa,
lágrimas para isso basta.
Em paz desejo viver
e, no meu íntimo, crescer,
deixando de lado armaduras,
que só trazem muitas agruras.

Estou eu, aqui, muito calado,
já ouvi tantas palavras faladas.
Em silêncio, quero ficar,
para poder meditar,
na minha vida pensar,
para poder caminhar
e as dificuldades vencer,
sem não ter o que temer.
Como é bom nada dizer
e a escutar aprender,
para a natureza ouvir.
e suas belezas sentir.
No momento, desejo orar
e com o “Alto” conversar.
Só Nele, posso confiar,
só Ele vai me iluminar.
No silêncio, vou encontrar
as decisões a tomar,
para jamais errar.

Independente desejo ser,
de ninguém, nunca depender.
Isto é muito agradável,
pois todos não têm tempo a perder.
Apenas, para serem amáveis,
seus préstimos vêm oferecer.
Enquanto tiver forças e coragem,
sozinha quero ser
para as tarefas resolver
e até fazer uma viagem.
Com amigas, conversar,
coisas do gosto comprar.
Boas palestras frequentar,
bons livros sempre ler,
meus textos escrever,
ao som de músicas a entreter.
Ao próximo ajudar
e, no silêncio, orar.

Livre desejava ser,
sem nada a me prender.
Compromissos, horários, pagamentos,
tudo apagar.
Coisas prazerosas fazer,
sem coisa alguma a me ocupar.

Há dias que, ao deitar,
ponho-me a pensar:
“O que fiz para me agradar?”
Nada, nadinha para falar.
Pego os jornais, os livros,
já tarde, pois desejo ler.
Mas... logo começo adormecer.
Nada mais consigo fazer.

Vantagem iria ter,
coisas gostosas buscar.
Nunca iria adoecer,
jamais iria chorar.

DECISÕES INFELIZES

Viajar para aquela cidade foi um passo errado,
Gastei, no pacote, um bom dinheiro, tão suado.
O roteiro era ótimo, mas encontrei outra realidade.
O hotel era distante, o quarto mal iluminado,
Mais parecia um lugar assombrado.
Eram fracas as refeições,
Quase sempre bife, arroz e feijão
Tudo muito apimentado,
Quando não, um tanto salgada.
Fizemos poucos passeios,
Em lugares muito feios.
Enfim, sem atrativos,
Tudo ficou cansativo.

Inventei o cabelo cortar
Um pouco, para variar
E novo visual criar.
Fiquei com cara de fuinha,
Com meu rosto tão feinho.
Resolvi até comprar
Uma peruca para usar.
Com ela iria disfarçar
E a mim mesma enganar.

Para as amigas mostrar
Que sabia cozinhar,
Um bolo de cenoura
Resolvi fazer
E a elas oferecer.
A receita fui seguindo,
Para em nada errar
E a todos agradar.
Agora, só resta assar.

Oh!,acabaram de chegar.
O bolo da forma vou tirar.
Mas que decepção,
Ele pouco cresceu.
A falha tentei descobrir
Para que ninguém possa rir.
O fermento é que faltou
E meu esforço falhou...
Bolachas vou servir
Para a todas enganar.
Um café bem gostosinho,
Já demonstra o meu carinho.

Minha casa resolvi vender
Para menos trabalho ter.
Em um apartamento fui morar,
Pois é fácil de limpar.
Hoje, estou a lamentar
E sempre a reclamar.
Onde minhas flores estão,
A enfeitar o meu verão?
De meus cachorros gostava
E com eles passeava.
Agora, só solidão,
Infeliz, minha decisão.

Para pensamentos distrair,
Ao shopping resolvi ir.
Nada como passear,
Vitrines para ver,
Delícias para comer,
Pessoas a sorrir.

Horas e horas a passear
E a tristeza espantar.
Nada, nada para aborrecer,
E assim me entreter.
Mal comecei a andar,
Só desejava partir...
Pensei, pensei...
Agora, sei o que fazer
Numa igreja, desejei entrar,
Não só para orar,
Mas, também, desabafar,
Com meu Pai a me consolar.
Foi a melhor decisão,
Digo isso de coração.



LEMBRANÇAS

Não sei por que, veio-me à lembrança a terra natal de meus avós.

Vejo a casa de tijolinho, bem lá no alto da cidade. Mas que coisa! Parece um bangalô.

Resolvo penetrar lá dentro. Subo as escadarias, percorro o alpendre, repleto de plantas: antúrios, samambaias. Abro sua porta de vidro. Além dos latidos dos cachorros e o canto dos canarinhos, ouço a voz de minha tia, tão querida.

Dava de francês, pintava divinamente e fazia peças de cerâmica, quase ia me esquecendo de seus bordados, tão lindos!

Como passava as férias com ela, ensinou-me quase tudo, que executava com perfeição. Aprendizagens jamais esquecidas, pela sua paciência repleta de carinho.

Lá está a sala, em que vovô passava os dias e sua poltrona verde. O dia inteiro lia, escrevia e ouvia seu radinho. Que bagunça: jornais espalhados por todo lado. Com seus cabelos branquinhos, sempre estava agasalhado. Ainda me lembro de seus chamados: “Ma-ma- ma-ri-qui-nha das chinelas vermelhas, venha ficar, aqui, ao meu lado”.

Mais do que depressa, corria para junto dele. Sentada no chão, ficava, num cantinho, perto de muitos livros azuis. Era o “Tesouro da Juventude”.

Assim, com muita delicadeza, dizia: “ Pode folheá-los para ver as gravuras, mas cuidado para não rasgá-los”. Encantada, passava horas e horas, ali, juntinho dele.

Meu coração está apertado. Tudo ficou para trás: a casa, minha tia querida e meu avô com sua bondade e sabedoria.

O PRESENTE

Arrumações de final de ano... Vou separar as roupas, que não uso, jogar fora a papelada e tirar o pó dos armários, trocando as cartolinas por outras mais novas. Ano Novo, tudo renovado.

Ora, ora, vejam só o que achei nesta caixinha de veludo: um lindo colar de pérolas.

Volto ao passado. Minha festa de quinze anos. Lá estou eu com meu vestido de organza rosa e margaridas do campo a enfeitar meus cabelos.

Minha casa parecia um jardim, flores por todo lado.

Na sala de jantar, uma toalha rendada sobre a mesa. Quantas coisas gostosas: docinhos variados, beijinhos doces, brigadeiros, olhos-de-sogra, cajuzinhos, balas de coco e um bolo divino, sobre ele, escrito com chantili, "Felicidades".

Os salgados seriam servidos na hora, para não esfriarem, assim como as bebidas.

Na vitrola, ouviam-se músicas da época.

Tudo pronto, faltavam só os convidados e meu querido pai, que logo chegaria do trabalho.

Barulho de chaves na garagem. Era papai. Sempre carinhoso, abraçou-me longamente, "Você está linda, parece uma princesa, aliás, é minha princesinha, por isso trouxe um presente muito especial para você". Dando-me um beijo, entregou-me uma caixinha de veludo azul. Ao abri-la, fiquei surpresa e encantada, era um colar de pérolas. Não sabia como agradecer-lo e, com lágrimas nos olhos, dei-lhe um longo abraço.

Tantos anos se passaram...

Os sonhos se apagaram,

As ilusões se foram,

Os entes queridos partiram.

E os caminhos da vida seguiram...

LAÇOS DE FAMÍLIA

Às vezes, um encontro, ou uma visita trazem ao presente, momentos gratificantes vividos.

Fui fazer uma visita ao meu irmão. Seu apartamento, bem arranjado e aconchegante, é repleto de objetos, fotos e quadros da nossa casa e nossos familiares. Recebeu-nos, ao meu filho e eu, com carinho e hospitalidade. Enquanto nos esperava, ajeitava sua coleção de selos, muito bem organizada, dando continuidade ao que papai iniciara. Chamou-nos para observar os álbuns, que guardavam não só os selos, como também postais preciosos, que marcaram períodos de nossa história.

Após um longo bate-papo, despedimo-nos.

Ao chegar em casa, lembrei-me de nosso antigo lar. Lá estavam todos: papai, mamãe, meus irmãos. Algumas fotos me levaram à fazenda. Visualizei a sede, o alpendre, os lampiões acesos por papai, a bomba d'água, o cacarejar das galinhas, os berros dos bezerros, além do cheirinho gostoso das comidas feitas no fogão à lenha.

Tudo tão longe, mas tão perto... Tudo guardado não só nas lembranças, também, principalmente, no coração.

De repente, ouvi um cantar suave e doce. Era a melodia das saudades, que cercava a todos nós com um laço de amor, de união, de família.

RECORDAÇÕES

Hoje, aqui na varanda, que circunda a sede da fazenda, volto ao passado, relembrando momentos perdidos.

Por quê? Questiono a mim mesmo. Talvez por me encontrar profundamente só, apenas na companhia dos barulhos da natureza: cantos de aves, farfalhar de folhagens, mugidos da boiada, a melodia longínqua de alguma viola...

O céu já se cobre com o vermelho do pôr do sol.

Lá está ela... Sentada em sua poltrona predileta, a ler um livro sob a luz do delicado abajur de opalina. Linda, tão linda: com seus cabelos aloirados, presos por um laçarote azul, a combinar com seu roupão e chinelos da mesma cor. Pelo ar, o perfume de seu sabonete predileto, "Alma das flores".

Encostado no umbral da porta, caminhei em sua direção. Será que valeria a pena uma nova aproximação? Tudo dera errado em nossa vida conjugal: incompreensões, falta de diálogo, grupos diferentes de amizade, distanciamentos, ausências...

Chegando bem perto, passei a mão em seus cabelos e dei-lhe um beijo em sua suave face.

Ela olhou-me surpresa. Seus olhos ficaram brilhantes, marejados de lágrimas, sorriu-me.

-Voltei-disse eu-, vamos tentar novamente? Senti sua falta, dos filhos e da casa.

Sem nada dizer, levantou-se, deixando cair o livro e envolveu-me com um abraço carinhoso.

Tantos anos se passaram. Hoje, sinto-me profundamente só. A partir daquele momento, tantos fatos ocorreram...Não tenho mais sua presença, apenas lembranças, nem sempre felizes...

*“Nos caminhos cruzados
estão as recordações.
Encontros passados,
a unir os corações...”*

NOS CAMINHOS DA VIDA, AS CORES DO ARCO-ÍRIS

Observo-me no espelho: cabelos grisalhos, olhos quase sem brilho, aparência cansada, pele enrugada...

Lá fora, a chuva parou e, no céu, apareceu o arco-íris. Suas cores, muito claras, traziam uma sensação de tranquilidade, beleza e paz.

Neste momento, voltei-me ao passado. Tantas recordações... Tantos caminhos já percorridos: infância cor-de-rosa, aconchego dos pais, rodeada dos risos e peraltices dos irmãos; adolescência verde-esperança: primeiros amores, sonhos e mais sonhos... Finalmente, o casamento com o eleito do coração, envolto no vermelho do amor. Embalados pela ilusão, traçávamos caminhos multicoloridos. Com o tempo, nossa família cresceu. Chegaram os filhos, fitas de todas as cores enfeitavam as roupinhas, as mantas e tudo que lhes pertenciam.

Mas a vida passa rápida. Muitos partiram, a casa foi ficando vazia, o cinza da chuva cobria as paredes, expressava a solidão, as saudades.

*Pela estrada da vida,
tão rápida percorrida,
do arco-íris reflete o colorido
de instantes, por vezes, doloridos,
mas, quase sempre, floridos...*

DOMINGO DA ALEGRIA

Os lojistas da Avenida Paulista resolveram organizar uma festividade, no domingo, denominada “Domingo da Alegria”. Isso para relaxar o paulistano, que só trabalha...

Até aí, muito bem! Mas desejava voltar para casa, precisava atravessar a rua e tomar um ônibus rumo à Lapa.

Mais eis que aparece, do nada, um jovem, completamente nu, com passos incertos e uma fisionomia sonolenta. Pensei: “este vai preso, isso é um atentado ao pudor”. Será que queria chamar a atenção? Por lá, estava a equipe da TV, filmando a festa.

Ainda bem que chegaram os policiais para acabarem com essa exibição. Mais tarde, soube através de um transeunte, que era apenas um sonâmbulo. Que vergonha passaria ao acordar!

Bem, agora que a balbúrdia acabou, acho que conseguirei atravessar.

Que nada!! Outro fato, fora do comum: um burro, irritado com o barulho do trânsito, não só empacou, como também se soltou da carroça e saiu dando coices nos carros, que tanto buzonavam.

Mas que estranho! Observei que conversava com um dos motoristas e, de repente, voltou para a carroça, bonzinho, bonzinho...Aproximei-me do carroceiro e perguntei-lhe o que havia acontecido. Bem baixinho, no meu ouvido, ele disse: “O motorista falou se ele continuasse com os coices, chamaria Shakespeare e Julieta, agora casados, e pediria ao casal para colocarem o burro no lugar de Romeu, uma vez que, na segunda edição de seu livro, sacrificou apenas Romeu, para viver sossegado com sua amada.

Agora, certamente, conseguirei atravessar, irei para o outro lado de qualquer jeito, pois estou enlouquecendo: um sonâmbulo nu; um burro irritado e falante; Shakespeare, casado com Julieta, numa boa. Isso é demais para a minha cabeça. Sem dúvida, estou tendo alucinações.

Esta festividade deveria ser denominada, “Dia da Loucura Geral”. Nunca mais participarei de eventos como esse, prometo a mim mesmo.

O CARRILHÃO

Era ainda criança, quando, certo dia, vovô apareceu com um enorme embrulho em sua casa. Ao abrir, que surpresa para todos, era um relógio de parede antigo, parecia uma igreja, pois, na parte de cima, tinha uma saliência semelhante a uma torre. Chamavam-no de “Carrilhão”. Era feito com uma madeira clara com nuances escuros. Porém, o que mais sobressaía, eram os entalhes. Como eram lindos! Formavam figuras extraordinárias: vasos enormes, repletos de flores e, bem no fundo, havia uma donzela. Seria ela grega ou romana? Isto por causa das vestes longas e do penteado: cabelos encaracolados, caindo pela testa, presos com uma fita, enfeitada por pequenas flores.

Bem no centro, uma portinhola de vidro protegia o pêndulo dourado, atada ao mostruário das horas.

Ao soar as horas, ouvia-se a melodia imponente de suas badaladas.

Sempre perguntava ao vovô de onde viera e qual o relojoeiro que o fez.

Mas sua resposta era vaga: “De uma terra distante, sendo seu artesão um sábio, que dá vida aos objetos...”

Durante anos, passava diante do suntuoso relógio e, com respeito, cumprimentava-o. Aos poucos, os sons das badaladas se transformavam, para mim, em cantigas encantadoras e eu dançava feliz. Até que um dia, a bela donzela esculpida também rodopiou entre os vasos floridos.

Contudo tudo caminha rápido na vida. Vovô se foi, eu parti para um cidade grande para fazer a Faculdade. Outros interesses surgiram: o sonho de um futuro, companhia de amigas, além dos encontros com o namorado.

Esquecera do mundo maravilhoso e cheio de fantasias da infância...

Porém, de repente, ao retornar à cidade natal, lembrei-me do velho “Carrilhão”. Não mais estava na casa de vovô. Disseram-me que havia sido vendido para um antiquário lá da capital. Que pena!! Era tão lindo, tão majestoso.

Mas, certo dia, caminhando com meu companheiro, pelas ruas do centro da capital, vi-me diante de um antiquário. No mesmo instante, veio-me à cabeça, aquele objeto tão admirado por mim, quando criança. Imediatamente, entrei. E no fundo, ao lado de uma tapeçaria, lá estava ele. Imediatamente, as badaladas soaram com as graciosas melodias, tão conhecidas por mim, e a bela jovem voltou a dançar.

O dono do antiquário espantou-se e disse para nós: nunca este relógio funcionou desde que veio para cá. E como a donzela se parece com você! Incrível!!

LIÇÕES DE VIDA

Estava eu, em minha casa, guardava as roupas passadas, verificava se tudo estava em ordem, observando, também, se havia sobrado algum material da pintura.

No fundo do quintal, encontrei madeiras estragadas, ladrilhos quebrados, latas de tinta vazia, precisava dispor de tudo aquilo. O lixeiro não levaria, mas uma carrocinha, por alguns trocados, tinha certeza de que pegaria.

Avisei ao segurança que, se passasse alguma, mandasse lá em casa.

No final da tarde, apareceu uma jovem, bem judiada, que se ofereceu a pegar tudo. Sua carrocinha estava abarrotada de tranqueiras, e, no meio daquilo tudo, sentadinhas, estavam duas crianças muito pequenas. Encostando, recomendou às duas garotinhas. Fiquem quietinhas que a mamãe vai pegar o entulho e, logo, iremos para casa.

Como? Vai deixá-las aí? A rua é perigosa e, por outro lado, elas podem cair.

Disse-lhe, então, para colocar as crianças no jardim, em frente de casa. Pedi a uma amiga, que estava comigo, para olhar as crianças, tão novinhas. A mãe falou que a menor tinha onze meses, ainda não andava, e a maiorzinha, dois anos.

Antes de mostrar o material a descartar, entrei em casa, peguei uma garrafa de água, copos, bolachas e bananas.

Outra dúvida, como a jovem tão miudinha conseguiria pegar o entulho? Mas, quase adivinhando meus pensamentos, já foi falando: “A senhora pode ficar tranquila que estou acostumada a carregar coisas pesadas”.

Perguntei-lhe sua idade, apenas vinte e sete anos, na verdade, tinha quatro filhos, o marido estava doente e trabalhava para comprar material escolar para os mais velhos. Morava em Itapevi, deixaria a carrocinha debaixo da ponte, e tomaria o trem para ir embora.

Rapidamente, juntou tudo e partiu, puxando uma carrocinha tão pesada!

Que lição de vida! Às vezes nos queixamos de bobagem. Olhei minha casa: geladeira repleta, frutas à vontade, tudo limpo.

Enquanto uns têm tanto, outros vivem de migalhas.

A jovem, na sua luta pela sobrevivência, e as duas pequenas não me saíam da cabeça...

Mas... o que fazer?

UMA ADOÇÃO DE AMOR

Toca o telefone na casa de D. Lucy, professora de português há muitos anos.

-Alô, gostaria de falar com a D. Lucy.

-É ela mesma. De que se trata?

-Professora, sou grande amiga de uma colega sua, D. Rosa, sendo que meu marido, José, é companheiro inseparável do marido dela. Comentando com ela sobre a dificuldade que um de meus filhos, Fernando, tem em português, indicou-me a senhora. Por acaso, moro na mesma rua em que a senhora. Sou dentista, meu nome é Márcia, meu marido é arquiteto, como o Carlos, esposo de Rosa.

-Pois não, qual é o problema dele? Tão indicado, vou arranjar um horário em que ele possa vir.

-D. Lucy, Fernando estuda em um colégio puxado, “Miguel de Cervantes”, de origem espanhola, uma vez que meu marido é espanhol. Lá, esta língua é primordial. Bem, vamos falar sobre ele: é dócil, carinhoso, em todo lugar em que vai... Mas apresenta uma dificuldade imensa em redação, como também na leitura de textos mais longos, ou seja, nos livros indicados. Como está na oitava série, término do primeiro grau, com a idade certa, quatorze anos, gostaria de que ele o concluísse, pois o pai deseja levá-lo para a Espanha, a fim de conhecer sua família.

-Márcia, penso que você está muito ansiosa. Se ele chegou até esta série, tudo não passa de uma fase. Tenho certeza de que logo irá melhorar.

Lucy ajeitou logo um horário para o reforço. Verificou que o garoto estava aprendendo e não perdeu tempo. O segundo semestre estava quase no fim.

Mas que surpresa! Fernando era um amor. Com o tempo foi perdendo a cerimônia e sentia-se em casa. Constantemente, queixava-se de dor em um dos pés. Para deixá-lo mais à vontade, a professora permitiu que tirasse o tênis. E rindo muito disse-lhe:

“D. Lucy, a senhora reparou que tenho seis dedos, isto é de nascença”.

Um dia, Márcia se abriu com a professora:

-Quero revelar-lhe um fato. Fernando é filho adotivo. Antes de chegar em minhas mãos, passou por duas casas, sendo rejeitado em ambas. Tudo por causa do dedinho. Outra coisa, tenho mais dois filhos: Tânia, também é adotada, pois achava que eu era estéril, e Cláudio, o caçulinha, que veio quando não tinha mais esperança de engravidar. Para que fossem tratados iguais durante muito tempo, dizia a todos que Cláudio tinha sido adotado, como as outras

Muitos anos se passaram, Fernando entrou em Arquitetura, pois sempre gostou de desenho. Cursou até o terceiro ano e não concluiu. Resolveu fazer Astronomia, adorava observar o Universo. Interrompeu também esse curso e achou o que realmente queria. Gastronomia. Hoje, toca um pequeno restaurante, feliz da vida.

Tânia, além de ser excelente bailarina de músicas espanholas, com castanholas e tudo mais, está se formando em Jornalismo e o caçulinha, Cláudio, entrou em Engenharia.

Márcia continua sempre a mesma: falante, muito alegre, orgulhosa de seus filhos, além de ter um amor incrível por todos eles. Aliás, Fernando é muito parecido com ela, não só no gênio, como na feição.

Este foi um caso de verdadeira adoção, três filhos do coração, sem diferenças, sem preconceitos.

A MAGIA DE UM ENCONTRO

Como sempre, ao terminar os infindáveis afazeres do dia, procurava distrair meus pensamentos, abrindo meus e-mails e lendo as belas mensagens enviadas por pessoas queridas.

Mas, de repente, uma me emocionou profundamente, não só pela música, como também pela biografia de uma famosa cantora francesa, Edith Piaf, conhecida no mundo inteiro.

Nada sabia sobre sua vida, aliás, bastante sofrida.

Nascida em Paris, em 1915, era filha de uma cantora ambulante e de um acrobata de circo. Sua mãe, ao sentir as dores do parto, tentou chegar a um hospital, contudo não conseguiu, e Edith nasceu na rua.

A mãe, sem possibilidade de criá-la, entregou à avó materna, que a alimentava com vinho, pois, como dizia, matava os micróbios.

Voltou a viver com o pai, separado da mãe, antes do seu nascimento. Porém ele teve que partir, a fim de participar com seu povo, da 1ª Guerra Mundial. Desta vez, Edith foi morar com sua avó paterna, dona de uma casa de prostituição, sendo praticamente criada e cuidada pelas prostitutas.

Com quatro anos, teve meningite, que lhe trouxe uma cegueira temporária, sendo curada, segundo a avó, por Santa Terezinha.

Com dez anos, cantava pelas ruas, ganhando alguns centavos, a única música que sabia, "Marselhesa".

Ao terminar a 1ª Guerra, passou a viver com o pai, em circos itinerantes. Sua voz era linda, fazia sucesso.

Se sua infância foi triste, pior seria sua adolescência. Com dezessete anos, teve uma filha, Marcelle, com um de seus amantes. Contudo, com dois anos, ela vem a falecer, vítima de meningite.

Edith não era bonita, tinha apenas 1,50 de altura, mas possuía um encanto especial, era uma espécie de “femme fatale”, que fascinava quem se aproximasse dela. Assim, homens famosos se encantaram por ela, entre eles, Marlon Brando, Yves Montand, Charles Aznavour, Orson Welles e até um idolatrado campeão de box, Marcel Cerdau. As mulheres, também, a cobiçavam, entre elas, Marlene Dietrich, que lhe ofereceu um diamante em troca de uma noite de amor.

Mas um grave acidente automobilístico fragmentou seu corpo. Para aliviar as dores, o médico injetava-lhe morfina, da qual se tornou dependente.

Desta forma, antes de subir aos palcos, usava a morfina, que lhe trazia calma e coragem para enfrentar o público. A única vez que a deixou de lado, sua apresentação foi um desastre.

Fora a morfina, bebia sem controle, porém era admirada por todos, considerada um símbolo da França.

Com quarenta e seis anos, conheceu seu único e verdadeiro amor, o grego, Théo Sarapo, vinte anos mais jovem que ela.

Apaixonada, casou-se com ele, que era considerado por todos, um aproveitador, um gigolô.

Um ano depois do casamento, em 1964, com quarenta e sete anos, veio a falecer, em consequência de uma cirrose hepática, além da deteriorização de suas funções, devido à morfina.

Théo tornou-se seu único herdeiro, mais uma vez considerado, por todos, um aproveitador.

Sete anos depois, após pagar todas as dívidas, deixadas por Piaf, limpando o nome da amada, suicidou-se. Um bilhete foi encontrado, com os seguintes dizeres: “Pour toi, Edith, mon amour”.

Dizem que após a morte da cantora, jamais o viram com outra mulher.

Foi enterrado ao lado dela e continuaram a fazer o duo nos caminhos celestes.

Um encontro de magia,
Que trouxe só satisfação,
Repleto de eterno amor,
Sem nunca sentir a dor.

ESPERANÇA

Lia o conto, “Natal na barca”, de Lygia Fagundes Telles, grande escritora de nossa época.

Quanto simbolismo nesse conto: enquanto “Natal” tem o significado de vida, esperança, a “barca”, relembrando “A Divina Comédia” de Dante, e sobretudo a mitologia greco-romana, representa Caronte, o barqueiro dos mortos, conduzindo as almas para o outro lado do rio Aqueronte, onde ficava o inferno.

Mas o que será que havia nesse conto, para que a autora desse esse título ao seu texto?

Para nós, Natal era renovação, época de relembrar os amigos e cumprimentá-los, ora com um cartão, ora com uma lembrança.

Contudo a escritora encontrou, no seu conto, um significado muito mais profundo, ou seja, esperança, nascimento, vida. A companheira de viagem da narradora levava, em seus braços, uma criança doente, mas dizia: “Deus não vai me abandonar”. E, contando sua vida, mostrava grande fé.

Diminuindo a marcha, a barca iria chegar ao seu destino. A criança, que parecia morta, abriu os olhos, bocejando, e a febre cessara.

O que valeu para aquela mãe? A fé e a esperança.

Isto é Natal. Crer num futuro melhor, ter confiança no Senhor. Ter sempre a esperança que coisas boas irão se concretizar.